

# destinos de paixão

nora roberts

Tradução de Fernanda Semedo

# ÍNDICE



H O R A   D O   F E I T I Ç O

9

R O S A   D E   I N V E R N O

1 0 9

U M A   T E R R A   D I S T A N T E

1 9 3



H O R A   D O   F E I T I Ç O





## P R Ó L O G O



**H**á muito tempo, num lugar longínquo, sobre o azul e vasto Mar das Maravilhas, erguia-se a grandiosa ilha de Twylia. Era uma terra de montanhas e vales, de florestas verdes e rios de prata, de extensos campos férteis e lagos serenos. Para os que ali viviam, era todo o mundo.

Diz-se que outrora, na alvorada dos princípios, existia uma língua de terra que conduzia a outros mundos e regressava a Twylia. Uma ponte de pedra e terra, magicamente concebida por Draco, o grande deus feiticeiro, e por ele mesmo destruída quando o mundo do outro lado se tornou um campo de batalha onde grassavam a ganância e a mágoa.

E assim, em Twylia, a paz e a prosperidade prevaleceram por um milhar de estações.

Porém, chegou um tempo em que os homens — alguns homens — ambicionaram ter mais. Um tempo em que procuravam riquezas não conquistadas, mulheres não cortejadas, terra não merecida. E, acima de tudo, poder não respeitado.

Com esta avareza, Twylia foi infetada pela guerra e pela morte, pela traição e pelo medo, e Draco e os seus descendentes choraram ao ver os campos verdes manchados de sangue e ao ouvir os gritos das crianças famintas ecoando nos vales. Ao luar, no cume da Montanha do Feiticeiro, na noite do solstício, Draco jurou que a paz regressaria ao mundo.

Regressaria por meio do sangue e da coragem, do amor puro e do sacrifício solícito. Depois dos tempos das trevas, a luz voltaria a brilhar. E lançou o seu feitiço.

*Haverá um, que nascerá na hora mais negra da noite mais negra, e este tomará o poder e trará a luz. Apenas um usará a Coroa de Estrelas, provando ser o meu herdeiro legítimo. Por meio de sangue e coragem, por meio de dor e alegria, o Verdadeiro protegerá o que a ganância destruiria. Mas um procura o outro, a mulher procura o homem, o coração procura o coração, e a mão procura a mão. Assim, guerreiro, feiticeira, filha e filho completarão o que foi começado. Se existir força e os corações forem puros, esta terra de Twylia permanecerá.*

*A meia-noite forjará o seu poder para libertar este mundo da tirania. Que assim seja.*

Desde o cimo da Montanha do Feiticeiro até ao Vale dos Magos, lá em baixo, através dos campos, lagos e florestas, a ilha estremeceu em toda a sua extensão com o poder do feitiço. O vento redemoinhou e o céu cuspiu relâmpagos.

E Draco permaneceu no cume da sua montanha, observando no vidro e no fogo, nas estrelas e na água, os anos que passavam.

Enquanto Draco aguardava, o mundo lutava. O bem contra o mal, a esperança contra o desespero. A magia foi-se extinguindo em todos os lugares, menos nos mais secretos, e alguns começaram a temê-la tanto quanto a cobijavam.

Por algum tempo, um tempo muito curto, a luz voltou a refulgir, quando a bondosa rainha Gwynn tomou o trono. O sangue do feiticeiro corria-lhe nas veias, assim como o seu amor pelo mundo. A rainha era bela, de rosto e coração, e reinou com mão afetuosa e firme ao lado do marido, o rei-guerreiro Rhys. Juntos trabalharam para curar o mundo, para reconstruir a outrora grandiosa Cidade das Estrelas, para que as florestas e os vales férteis fossem outra vez seguros para os habitantes do mundo.

A esperança brilhou, mas o seu adversário espiava e conspirava. As sombras da inveja e da ambição rastejaram nos recantos e nas grutas de Twylia. E essas sombras, disfarçadas de paz e reconciliação, prepararam-se para a guerra e a traição. Marcharam para o interior da Cidade das Estrelas numa fria manhã de dezembro, conduzidas por Lorcan, aquele cujo símbolo era a serpente. E este seria rei a qualquer custo.

Seguiu-se sangue, fumo e morte. Ao romper da madrugada, o valente

Rhys jazia morto, e muitos dos que haviam lutado a seu lado tinham sido chacinados. Da rainha, não havia sinal.

Na véspera do solstício, Lorcan proclamou-se a si mesmo rei de Twylia e celebrou no grande salão do castelo, cujas pedras estavam manchadas pelo sangue do rei.



## C A P Í T U L O I



A neve tombava em torrentes de branco gélido. Enregelava até aos ossos, mas ela não a amaldiçoou. Dificultaria a visão a quem a perseguisse e apagaria as pegadas. O frio cortante e branco era uma bênção.

Tinha o coração partido e o corpo quase esgotado. Mas não podia ceder, e não cederia. Rhys falava-lhe, como o sussurro de um espírito na sua mente, incentivando-a a ser forte.

Não chorara a sua morte. As lágrimas, as lágrimas de uma mulher pelo homem que amava, tinham gelado dentro de si. Não chorou para combater a dor, se bem que esta fosse intensa. Ela era mais que uma mulher. Mais ainda que uma feiticeira.

Era uma rainha.

O cavalo avançava arduamente pela neve, com passo seguro e leal. Tão leal, ela sabia-o, como o homem que silenciosamente cavalgava a seu lado. Ser-lhe-ia útil, essa lealdade do fiel Gwayne, pois sabia o que estava para vir, o que não poderia evitar. Apesar de não ter assistido à morte do seu amado Rhys, sentira o instante em que a espada do usurpador o abatera. No seu íntimo frio e despedaçado, a rainha estava preparada para o que viria.

Conteve um gemido quando a dor a rasgou, respirou depressa por entre os dentes cerrados até esta aliviar e ela poder dizer o que precisava de ser dito ao silêncio de Gwayne.

— Não podias tê-lo salvo. Nem eu. — As lágrimas picavam-lhe os olhos e contê-las era uma tortura. — Nem eu — repetiu. — Tu serviste-o, e a mim, obedecendo à última ordem que te deu. Lamento... Lamento que te tenha tornado mais difícil fazê-lo.

— Sou o guarda da minha rainha, senhora.

Ela esboçou um sorriso.

— E continuarás a sê-lo. O teu rei pensou em mim. Mesmo no auge da batalha, pensou em mim e no nosso mundo. E no nosso filho. — Apertou com a mão a barriga pesada, a vida que aí pulsava. — Os feitos dele serão cantados muito tempo depois... — A dor arrancou-lhe um grito afogado e fê-la soltar as rédeas.

— Minha senhora! — Gwayne segurou as rédeas para estabilizar a montada. — Não estais em condições de cavalgar.

— Estou, sim. E fá-lo-ei. — Virou a cabeça, e os seus olhos eram de um verde feroz e zangado, num rosto tão pálido como a neve. — Lorcan não encontrará o meu filho. Não é a hora. Ainda não é a hora. Haverá uma luz. — Exausta, tombou sobre o pescoço do cavalo. — Deves tentar avistar a luz e conduzir-nos para lá.

Uma luz, pensou Gwayne, enquanto a marcha árdua pela floresta continuava. A noite caía e distavam quilómetros da Cidade das Estrelas, quilómetros de qualquer aldeia ou povoação que ele conhecesse. Nada vivia naqueles bosques, a não ser fadas e duendes, e de que serviriam estes a um soldado e uma mulher — rainha ou não — prestes a dar à luz?

Mas fora para ali, para a Floresta do Lago, que ela lhe ordenara que a levasse. A rainha debatera-se, sem dúvida, quando, seguindo as ordens do rei, ele a arrastara para fora do castelo. Fora obrigado a erguê-la e montá-la no cavalo, que fustigara para que partisse a galope.

Fugiram da batalha, do fedor do fumo e do sangue, dos gritos dos moribundos. E, fosse por ordem real ou não, ele sentia-se um cobarde por estar vivo, ao passo que o seu rei, o seu povo, os seus amigos, estavam mortos.

Ainda assim, guardaria a rainha com a sua espada, com o seu escudo, com a sua vida. Quando a deixasse em segurança, regressaria. E mataria o perverso Lorcan, ou morreria a tentar.

Ouviam-se murmúrios sob o vento, mas não era nada humano, pelo que não se preocupou. A magia, ao contrário dos homens, não o assustava. Talvez a feitiçaria tivesse contribuído para a emboscada de Lorcan, mas tinham sido homens a levá-la a cabo. Tinham sido as mentiras, tanto

quanto os feitiços, a abrir-lhe as portas, permitindo-lhe entrar no castelo sob a bandeira da diplomacia.

E, durante todo esse tempo, os seus homens — os que eram tão perversos como ele, e outros, que reunira nos pontos mais remotos do mundo e a quem pagara para que lutassem em seu nome — tinham-se preparado para a chacina.

Não para a guerra, pensou Gwayne tristemente. Não era guerra quando se cortava a garganta de mulheres, se apunhalavam homens desarmados pelas costas, se matava e incendiava por mero divertimento.

Relanceou a rainha. Os seus olhos estavam fixos no caminho em frente, mas pareceram-lhe cegos. Como se ela se encontrasse numa espécie de transe. Perguntou-se como fora possível ela não pressagiar o embuste, o banho de sangue prestes a ocorrer. Embora fosse o guarda da rainha, apesar, e não por causa, dos poderes que lhe atribuíam, achava que, tendo sangue do feiticeiro, ela devia ter alguma visão.

Talvez tivesse algo a ver com a gravidez. Mas ele também não sabia nada acerca de mulheres grávidas. Nunca casara, nem pretendia fazê-lo. Era um soldado e, na sua ideia, um soldado não precisava de casar.

Que faria ele quando chegasse o momento de o bebé nascer? Rezava a todos os deuses, andantes ou voadores, para que a rainha soubesse o que fazer, pois achava que as mulheres sabiam desses assuntos.

O herdeiro de Twylia nasceria num banco de neve na Floresta Perdida, durante uma tempestade de inverno! Não estava certo. Não era decente.

E isso aterrorizava-o muito mais do que a espada de qualquer inimigo.

Tinham de parar em breve, pois as montadas estavam perto da exaustão. Ele faria tudo o que pudesse para lhe construir um abrigo. Acender uma fogueira. Então, com a ajuda dos deuses, as coisas... aconteceriam de acordo com a natureza.

Quando tudo estivesse concluído, e depois de terem descansado, levá-los-ia — fosse como fosse — até ao Vale dos Segredos — e à povoação das mulheres — a que alguns chamavam feiticeiras — que aí se situava.

A rainha e a criança estariam em segurança, e ele regressaria — para cravar a sua espada na garganta de Lorcan.

Através do sussurro do vento, ouviu um som que se assemelhava a música. E, olhando para oeste, avistou o brilho de uma luz no meio do negro tempestuoso.

— Minha senhora! Uma luz!

— Sim, sim. Despachemo-nos. Não temos assim tanto tempo.

Ele desviou os cavalos do caminho, obrigando-os a vadear o mar de neve e a serpentear em torno de árvores vestidas de gelo, na direção do diminuto faiscar. O vento trazia-lhe o cheiro a fumo e ele segurou com os dedos o punho da espada.

Fantasmas deslizaram para fora da escuridão, com setas apontadas. Contou seis, e a sua intuição de soldado avisou-o de que eram mais.

— Não temos ouro — gritou. — Não temos nada para roubar.

— É essa a vossa infelicidade. — Um dos fantasmas avançou, e ele viu que era um homem. Apenas um homem, e, além disso, um Viajante. — Porque viajam por estes sítios, numa noite como esta?

Os Viajantes podiam roubar, Gwayne sabia-o, apenas pelo prazer de o fazer. Mas não atacavam sem serem provocados, e a sua reputação de hospitalidade era tão famosa quanto o seu amor pela estrada.

— Tratamos da nossa própria vida, e não queremos problemas convosco, apenas um pouco do calor da vossa fogueira. Tenho uma senhora comigo, prestes a dar à luz. Precisa de mulheres que a auxiliem no parto.

— Lança a tua espada ao chão.

— Não o farei, como não a erguerei contra vós, a menos que tentem causar dano à minha senhora. Até mesmo um Viajante deve honrar e respeitar uma mulher prestes a dar à luz.

O homem sorriu e, sob o capuz, o seu rosto era tão castanho e tão duro como uma noz.

— Até mesmo um soldado deve honrar e respeitar homens com setas apontadas ao seu coração.

— Basta. — Gwynn tirou o capuz e reuniu todas as suas forças para erguer a voz. — Sou Gwynn, rainha de Twylia. Não viram os portentos, ainda que através da tempestade de neve? Não viram a serpente negra rastejar esta noite pelo céu, extinguindo o brilho das estrelas?

— Vimos, sim, Majestade. — O homem que falava e os que o acompanhavam baixaram um joelho até à neve. — A minha mulher, nossa parteira, avisou-nos que aguardássemos, pois viriam. Que aconteceu?

— Lorcan tomou o poder na Cidade das Estrelas. Matou o vosso rei. O homem ergueu-se e pôs o punho sobre o coração.

— Não somos guerreiros, rainha, mas se no-lo pedirdes, armar-nos-emos e, reunidos, marcharemos em vosso nome contra a serpente.

— Assim fareis, mas não esta noite, e não em meu nome, mas em nome daquele que ainda não chegou. Como te chamas?

— Sou Rohan, minha senhora.

— Rohan dos Viajantes. Procurei-te para uma grande tarefa, e agora peço que me auxilies pois, caso contrário, tudo estará perdido. Esta criança quer nascer. O sangue de Draco corre nas minhas veias e nas deste bebé. Tu partilhas este sangue. Ajudar-me-ás?

— Minha senhora, eu e tudo o que tenho, estamos às vossas ordens.

— Segurou o cabresto do cavalo da rainha. — Volta — gritou a um dos seus homens. — Diz a Nara e às mulheres que se preparem para um parto. Um nascimento real — acrescentou, com os dentes brilhando num sorriso. — Damos as boas-vindas a um parente. — Puxou o cavalo através do campo. — E desfrutamos de um combate. Embora os Viajantes deem pouca importância aos ventos mutantes da política, não encontrareis entre nós quem tenha apreço por Lorcan.

— A política nada tem a ver com o homicídio perpetrado sob uma bandeira de tréguas. E o teu destino está ligado ao que acontecer esta noite.

Ele virou a cabeça para a fitar e conteve um estremeção. Os olhos da rainha pareciam arder no escuro.

— Lamento muito a morte do vosso marido.

— É mais do que isso. — Ela baixou o braço e segurou a mão dele com uma urgência que quase uniu os ossos de ambos. — Conheces o Último Feitiço de Draco?

— Todos o conhecem, minha senhora. Foi cantado de geração em geração. — E ele, um homem que pouco temia, sentiu a mão tremer dentro da dela. — É esta criança?

— É esta criança. Esta noite. É o destino e não podemos deixar de o cumprir.

A dor apoderou-se da rainha, que desmaiou. Ouviu vozes ténues e à distância. Uma centena de vozes, era o que lhe parecia, erguendo-se como uma torrente de água. Mãos seguraram-na e desmontaram-na do cavalo, enquanto as dores de parto lhe arrancavam gritos da garganta.

Sentiu o cheiro a pinho, a neve e a fumo, sentiu algo fresco encostado à testa. Quando recuperou os sentidos, viu uma jovem cujo brilhante cabelo ruivo resplandecia à luz da fogueira.

— Sou Rhiann, irmã de Rohan. Bebei um pouco disto, minha senhora, vai ajudar-vos.

Ela sorveu o líquido da taça que lhe aproximaram dos lábios e viu que se encontrava num tosco abrigo de ramos de árvore. Uma fogueira ardia por perto.

— O Gwayne?

— O vosso homem está lá fora, minha senhora.

— Este é um trabalho de mulheres. Aqui os homens, guerreiros ou eruditos, são imprestáveis.

— É a minha mãe — apresentou Rhiann. — Nara.

Gwynn olhou para a mulher que se atarefava a rasgar um pedaço de pano.

— Estou-vos muito grata.

— Ponhamos primeiro este bebé no mundo, como tem de ser, e depois podereis sentir gratidão. Põe essa água ao lume e vai buscar as minhas ervas. — As ordens foram dadas enquanto Gwynn sentia mais uma contração.

Através da visão enevoadada, viu movimentos e ouviu conversas. Mais mulheres. Trabalho de mulheres. O nascimento era trabalho de mulheres e a morte, ao que parecia, trabalho de homens. As lágrimas que antes vencera começavam agora a rolar.

Mais vozes lhe falavam em pensamento, dizendo-lhe o que já sabia. Eram palavras de pouco consolo no momento em que se debatia para dar à luz o seu filho.

— Aproxima-se a meia-noite. — Encostou a cabeça ao ombro reconfortante de Rhiann. — O solstício. A hora mais negra do dia mais negro.

— Força — ordenou Nara. — Força!

— Os sinos, os sinos batem a hora.

— Aqui não há sinos, minha senhora. — Rhiann observou os panos a ficarem vermelhos de sangue. Demasiado sangue.

— Na Cidade das Estrelas, Lorcan faz tocar os sinos. Para o celebrarem, julga ele. Mas os sinos tocam pela criança, pelo princípio. Oh! É agora!

A rainha arqueou o corpo e a criança nasceu. Ouviu o seu choro e riu através dos próprios soluços.

— Esta é a hora dela, é o seu momento. A hora das bruxas, entre a noite e o dia. Preciso de a segurar nos meus braços.

— Estais fraca, minha senhora. — Nara entregou a Rhiann a criança que gritava.

— Sabes tão bem quanto eu que estou a morrer. Nem o teu dom,

Nara, nem as tuas ervas, nem mesmo a tua magia podem impedir o meu destino. Entrega-me a minha filha. — Estendeu os braços e sorriu a Rhiann. — Tens um coração bondoso para me chorar.

— Minha senhora.

— Preciso de falar a Gwayne. Rapidamente — disse a rainha quando Rhiann lhe depositou a criança nos braços. — Temos pouco tempo. Ah, aqui estás tu, minha doce menina. — Beijou a cabeça da bebé. — Tu curaste o meu coração, que agora se quebra novamente em dois. Uma parte para permanecer aqui, contigo, a outra para ir ao encontro do teu pai. Como lamento ter de te deixar, filha minha. Terás os olhos dele, e a sua coragem. A boca será como a minha, julgo eu — murmurou e beijou-lha —, e terás também o que me corre no sangue. Há tanto que depende de ti. Uma mão tão pequenina para sustentar o mundo.

Sorriu por cima da cabeça da bebé.

— Ela precisará de ti — disse para Nara. — Terás de lhe ensinar o que as mulheres precisam de saber.

— Entregais a vossa filha nas mãos de uma mulher que não conheceis?

— Ouviste os sinos.

Nara abriu a boca, depois suspirou.

— Sim, ouvi-os. — E vira, com o coração de mulher pesado, o que aconteceria essa noite.

Gwayne entrou no abrigo e tombou de joelhos ao lado da rainha.

— Minha senhora.

— Eis Aurora. Ela será a tua luz, a tua rainha, a tua responsabilidade. Jurar-lhe-ás a tua fidelidade?

— Sim, jurarei.

— Não podes deixá-la.

— Minha senhora, preciso de...

— Não podes regressar. Tens de me jurar que permanecerás sempre a seu lado, que a manténs em segurança. Tens de jurar sobre o meu sangue que a protegerás como me protegeste. — Tomou-lhe a mão e pousou-a sobre a criança. — Gwayne, meu falcão branco. Agora és dela. Jura.

— Juro.

— Ensinar-lhe-ás o que um guerreiro tem de saber. Ela permanecerá com os Viajantes. Escondida nas colinas e nas sombras da floresta. Quando for a hora... tu saberás, e explicar-lhe-ás quem é. — Virou a criança para lhe mostrar o sinal de nascença, uma estrela pálida, na coxa direita. — Tudo o que ela é. Até esse momento, Lorcan não poderá ter

conhecimento da sua existência. Desejará a sua morte acima de todas as coisas.

— Guardá-la-ei, com a minha própria vida.

— Ela tem o seu falcão, e o seu dragão observa desde o ponto mais elevado do mundo — murmurou a rainha. — O seu lobo virá quando for necessário. Oh, meu coração, minha filha. — Beijou as bochechas da criança. — Foi por isto que nasci, que amei, que morri. E, apesar disso, lamento deixar-te. — Soltou um suspiro trémulo. — Entrego-a nas tuas mãos. — Entregou a bebé a Gwayne e estendeu os braços, com as palmas das mãos para cima. — Ainda me resta alguma coisa, que será dela.

A luz rodopiou-lhe sobre as mãos e refletiu o vermelho e ouro da fogueira. Depois, com um relâmpago, o que jazia nas mãos de Gwynn transformou-se numa estrela e numa lua, ambas transparentes como gelo.

— Guarda-as para ela — pediu a Nara.

A boa rainha fechou os olhos e abandonou-se. A pequena rainha chorava nos braços de um guerreiro desolado.



## C A P Í T U L O 2



**A**s estações sucederam-se e o mundo sofreu sob o duro reinado de Lorcan. Pequenas rebeliões eram esmagadas com uma brutalidade que ensopava a terra de sangue e obrigava até os mais valerosos a esconderem-se. Magos, feiticeiros, videntes e todos os que lidavam com o reino da magia foram proscritos e perseguidos como animais selvagens pelos mercenários que se tornaram conhecidos como «Cães de Lorcan».

Aqueles que se ergueram contra o usurpador — e muitos que não — foram executados. A masmorra do castelo encheu-se com os torturados e os esquecidos, os inocentes e os malditos.

Lorcan enriqueceu, recheando os seus cofres de impostos, aumentando os seus domínios à custa de terras tomadas à força aos proprietários, que as tinham trabalhado e honrado ao longo de gerações. Comia em travessas de ouro e bebia o seu vinho em cálices de cristal, enquanto os pobres morriam de fome.

Os que falavam contra ele, nesses tempos negros, faziam-no em sussurros e segredos.

Muitos dos desalojados partiram para as colinas ou para a Floresta Perdida. Aí ainda se praticava magia e os fiéis contemplavam o céu em busca de presságios do Verdadeiro, aquele que derrotaria a serpente e traria novamente a luz ao mundo.

Aí, entre os agricultores e os comerciantes, os moleiros e os artistas proscritos, entre os magos e os duendes e os feiticeiros com a cabeça a prêmio, deambulavam os Viajantes.

— Outra vez! — Aurora investiu com a espada e sentiu um arrepião de excitação ao ouvir o som de metal contra metal. Obrigou o adversário a recuar, esquivou-se e rodou sobre si mesma.

— Equilíbrio — avisou Gwayne.

— Tenho equilíbrio. — Para o provar, saltou agilmente sobre a espada que investia contra os seus pés e aterrou com ligeireza.

As espadas cruzaram-se e deslizaram, punho com punho. E ela fez surgir uma adaga cuja ponta lhe encostou à garganta. — E tenho a presa — acrescentou. — Gosto de ganhar.

Gwayne deu-lhe um pequeno golpe com a adaga que lhe encostara à barriga.

— Também eu.

Ela riu, recuou e fez-lhe uma vénia cortês.

— Morremos bem os dois. Senta-te. Estás com falta de ar.

— Não estou nada. — Mas era verdade, e sentou-se num tronco para descansar enquanto Aurora ia encher um odre de água.

Tinha os olhos do pai, pensou ele. Cinzentos como fumo de madeira. E a boca suave e generosa da mãe. Gwynn tivera razão — acerca de tantas coisas.

A criança crescera e tornara-se uma jovem ágil e maravilhosa, com pele da cor de mel pálido e puro, e cabelos negros como a meia-noite. Um queixo forte, observou, murmurando um agradecimento quando ela lhe ofereceu a água. Teimosa. Ele não imaginava que uma rapariga que, na verdade, mal passava de uma criança, pudesse ser tão teimosa.

Havia nela uma luz tão brilhante que se admirava por quantos a viam não tombarem de joelhos. Era, conquanto vestida de verde dos guerreiros e botas gastas, uma rainha da cabeça aos pés.

Ele cumprira o que lhe fora solicitado. Aurora estava a ser treinada como um guerreiro. Com espada, setas, lança, corpo a corpo. Sabia caçar, lutar e montar tão bem quanto qualquer um dos homens que ele treinara. E sabia pensar, que era o que mais o orgulhava.

Nara e Rhiann tinham-lhe ensinado as tarefas das mulheres, e a magia. Rohan ensinara-lhe matérias escolares e a mente dela, uma mente sequiosa, absorvera as lendas e as histórias do seu povo.

Sabia ler e escrever, codificar e fazer mapas. Fazia o frio arder só

com o pensamento, cosia uma ferida e, nos últimos tempos, levava-lhe a melhor como espadachim.

Contudo, como podia uma rapariga, que acabara de fazer vinte anos, conduzir o seu povo numa batalha e salvar o mundo?

Era um pensamento que lhe assombrava as noites, deitado ao lado de Rhiann, que se tornara sua mulher. Como podia cumprir o seu voto de a manter em segurança, se cumprisse o voto de lhe contar os seus direitos de nascimento?

— Ouvi o dragão esta noite.

Ele apertou o odre nos dedos.

— Quê?

— Ouvi-o rugir, nos meus sonhos que não eram sonhos. O dragão vermelho, que voa no céu da noite. Segurava nas garras uma coroa de estrelas. O meu lobo estava comigo. — Virou a cabeça e sorriu para Gwayne. — Está sempre comigo, ao que parece. É tão belo e forte, com aqueles olhos tristes, verdes como a relva das Colinas do Nunca.

O mero facto de falar do homem a que chamava seu lobo aqueceu-lhe o sangue.

— Estávamos deitados no chão da floresta e contemplávamos o céu, e, quando o dragão surgiu com a sua coroa, eu senti um intenso arrepio. Medo, maravilhamento e alegria. Tentei alcançá-lo, através do vento forte que soprava, e o céu ficou mais brilhante que durante o dia, mais forte que o fogo das fadas. E eu fiquei ao lado do meu lobo, no meio daquele brilho que cegava, com sangue junto dos pés. — Ela sentou-se no chão, apoiando as costas no tronco. Com um gesto descuidado, atirou para trás do ombro a trança grossa. — Não sei o que significa, mas pergunto-me se lutarei pelo Verdadeiro. Se o seu momento estará próximo. Pergunto-me se, finalmente, encontrarei o guerreiro que é o meu lobo, e junto dele empunharei a minha espada pelo verdadeiro rei.

Falava do lobo desde que aprendera a formar as palavras — o rapaz, agora homem, que amava. Mas nunca antes contara ter visto o dragão.

— Não sonhaste mais nada?

— Sonhei. — Confortavelmente, encostou a cabeça ao joelho dele. — No sonho que não era sonho, vi uma senhora. Uma linda senhora de olhos verdes e cabelo preto, usando vestes de realeza. Estava a chorar e eu perguntei-lhe: «Minha senhora, porque choras?» Respondeu-me que chorava pelo mundo, enquanto o mundo aguardava. «O mundo espera

pelo Verdadeiro», disse-lhe eu, e depois perguntei: «Porque não vem ele? Quando virá derrotar Lorcan e trazer a paz a Twylia?»

Gwayne contemplava a floresta e acariciava-lhe gentilmente o cabelo.

— Que te respondeu?

— Disse que a hora do Verdadeiro é a meia-noite, no nascimento e na morte. Depois estendeu as mãos, nas quais segurava um globo, brilhante como a lua, e uma estrela, límpida como água. «Guarda-os», disse-me. «Precisarás deles.» E foi-se embora.

Esfregou a bochecha no joelho dele, e voltou a sentir a tristeza que sentira no sonho.

— Ela foi-se embora, Gwayne, e eu fiquei de coração partido. A meu lado, estava o meu lobo, de olhos verdes e cabelos pretos. Penso que é ele o Verdadeiro, e eu lutarei por ele. Julgo que este sonho foi um presságio porque, ao acordar, vi sangue na lua. Aproxima-se uma batalha.

Gwynn dissera-lhe que saberia quando chegasse o momento. Ele sabia, sentado na floresta tranquila, ao ar fresco da primavera. Sabia, e isso doía-lhe.

— Nem todas as batalhas são travadas e vencidas com a espada.

— Eu sei. Mente e coração, visão e magia. Estratégia e traição. Sinto...

— Aurora ergueu-se e pegou numa pedra que lançou nas águas prateadas do rio.

— Diz-me o que sentes.

Ela olhou para trás. Fios de prata, resplandecentes como a água do rio, misturavam-se no ouro do cabelo e da barba dele. Os seus olhos, onde ela julgava ver agora uma sombra, eram azuis-claros. Ele não era seu pai. Sabia que o seu pai lutara e perecera na Batalha das Estrelas, mas toda a sua vida Gwayne fora como um pai, exceto no sangue.

Não havia nada que não lhe pudesse contar.

— Sinto... como se alguma coisa dentro de mim aguardasse, tal como o mundo aguarda. Sinto que há algo que tenho de fazer, que tenho de ser, além daquilo que sou e daquilo que sei. — Correu para ele e ajoelhou-se a seus pés. — Sinto que tenho de encontrar o meu lobo. O meu amor por ele é tão intenso, que nunca conhecerei outro. Se é ele o da profecia, quero servi-lo. Honro aquilo que me deste, Gwayne, assim como a Rhiann, a Nara, o Rohan e toda a minha família. Mas há algo dentro de mim que se inquieta, porque *sabe*. Sabe, mas eu não consigo ver.

Frustrada, bateu com o punho na perna dele.

— Não consigo ver. Ainda não. Nem nos meus sonhos, nem no fogo, nem no vidro. Quando procuro, é como se uma película me cobrisse a visão e só há sombras. Nas sombras, vejo a serpente, e nas sombras vejo o meu lobo, acorrentado e a sangrar.

Voltou a erguer-se, impaciente consigo mesma.

— Um homem que deve tornar-se rei, uma mulher que foi rainha. Eu sei que ela era rainha, e ofereceu-me a lua e uma estrela. E embora eu as desejasse com uma ansiedade terrível, também as temia. De alguma forma, sabia que, se as aceitasse, tudo mudaria.

— Eu não tenho magia, sou apenas um soldado, e há muito que a minha coragem não é posta à prova. Neste momento sinto medo, o que faz de mim um velho.

— Tu não és velho, e nunca tens medo.

— Pensei que haveria mais tempo. — Ele pôs-se de pé e fitou-a. — És tão jovem.

— Sou mais velha que a tua Cyra, que casará no próximo equinócio.

— No primeiro ano da tua vida, pensei que os dias nunca terminariam e o tempo nunca passaria.

Ela riu.

— Eu era uma criança assim tão terrível?

— Inquieta e obstinada. — Acariciou-lhe a face. — Depois, o tempo voou. E aqui estamos nós. Anda, vem sentar-te comigo à beira do rio. Tenho muitas coisas para te contar.

Ela sentou-se ao lado dele e observou um falcão que voava em círculos no céu.

— É o teu talismã, o falcão.

— Outrora, há muito tempo, e normalmente nas minhas costas, eu era chamado o falcão da rainha.

— Da rainha? — Aurora fitou-o bruscamente. — Tu eras o guarda da rainha? Nunca mo disseste. Disseste que lutaste com o meu pai na grande batalha, mas nunca que eras o guarda da rainha.

— Conte-te que retirei a tua mãe da cidade e a levei para a Floresta Perdida. Que Rohan e os Viajantes nos alojaram e que nasceste nessa noite de neve.

— E ela morreu ao dar-me à luz.

— Mas não te contei que foi ela que me guiou, e que abandonei a batalha com ela por ordem do rei. Ela não queria abandoná-lo. — Embora falasse suavemente, o seu olhar era penetrante. — Lutou comigo. Estava

pesada da gravidez, mas debateu-se como um guerreiro, para permanecer junto do seu rei. Do seu marido.

— A minha mãe. — Ficou com a respiração suspensa na garganta. — Foi com a minha mãe que sonhei.

— Estava um frio cortante, e a rainha sentia muitas dores. Tanto no corpo, como no coração. Mas recusou-se a parar para descansar. Guiou-me e chegámos ao acampamento, o lugar onde nasceste. Chorou antes de te deixar e abrigou-te no peito. Encarregou-me de te manter segura, de te treinar, e exigiu o mesmo a Nara. Que omitíssemos a verdade sobre o teu nascimento até que chegasse o momento. Depois, depositou-te nas minhas mãos.

Baixou o olhar para as mãos.

— Tu nasceste à meia-noite. Ela ouviu os sinos, a milhas de distância, na cidade. A tua hora é a meia-noite e tu és a Verdadeira, Aurora. E, amando-te como amo, quem me dera que o não fosses.

— Como pode ser? — Aurora tremia ao pôr-se de pé e conheceu o medo, o primeiro medo verdadeiro da sua vida. — Como posso ser eu? Não sou rainha, Gwayne, nem governante.

— És. Está-te no sangue. Desde o primeiro momento em que te segurei nas mãos, soube que este dia chegaria. Mas, além disto, não posso ver nada. — Ele levantou-se e ajoelhou diante dela. — Sou o guarda da rainha e servir-te-ei.

— Não faças isso. — Em pânico, Aurora pôs-se também de joelhos e segurou-lhe os ombros. — Por Draco e todos os deuses, que farei? Como posso ter vivido toda a minha vida em conforto, sem nunca conhecer a verdadeira fome e dor, enquanto os povos do mundo aguardavam? Como posso defendê-los, libertá-los, se me tenho escondido como uma cobarde, enquanto Lorcan governa?

— Foste mantida em segurança, o último desejo da tua mãe. — Ele pôs-se de pé e segurou-lhe um braço para a ajudar a fazer o mesmo. — Não foste uma cobarde. Nem envergonharás a memória da tua mãe, do teu pai, fazendo-te de cobarde agora. Este é o teu destino. Treinei-te como guerreira. Sê uma guerreira.

— Lutarei. — Bateu na espada, como que a prová-lo. — Comprometerei espada e magia, a minha *vida*, sem reserva. Mas, conduzir pessoas? — Soltou um suspiro trémulo e olhou para o rio. — Nada é como era apenas há um momento. Preciso de tempo para pensar. — Cerrou os olhos com força. — Para respirar. Preciso de ficar sozinha.

Dá-me *tempo*, Gwayne — pediu, antes de ele poder argumentar. — Se precisares de levantar o acampamento e partir, eu encontrar-te-ei. Preciso de descobrir o meu caminho. Deixa-me. — Ele procurou detê-la, mas ela afastou-se. — Vai.

Quando percebeu que estava sozinha, permaneceu nas margens do rio prateado e chorou pelos pais, pelo seu povo, por si mesma.

E ansiou pelo conforto do amante a que chamava o seu lobo.

Penetrou profundamente na floresta, para além do conhecido, no reino das fadas. Ali convocou o círculo, fez a fogueira e entoou o cântico da visão. Veria o que fora — e o que seria.

Nas chamas, enquanto a lua se erguia e a estrela única que a seguia começava a brilhar, contemplou a Batalha das Estrelas. Viu os corpos de criados, de crianças e soldados. Viu o rei — seu pai — lutar como um demónio, fazendo recuar as forças mais numerosas. Ouviu os gritos e sentiu o cheiro a sangue.

A voz do pai chegou-lhe aos ouvidos, uma ordem gritada a Gwayne que lutava a seu lado, para que fosse buscar a rainha e a levasse, com a criança no seu ventre, para a segurança. Que o fizesse como um soldado, mesmo contra a vontade da rainha, que o fizesse pelo mundo. Pelo Verdadeiro.

Viu a morte do pai e o seu próprio nascimento. Sentiu o sabor das lágrimas da mãe e a força do amor brilhar através da magia.

E, com tudo isso, sentiu a força do dever.

— Não lhe fugirás.

— Serei suficiente? — perguntou Aurora à imagem da mãe.

— Tu és a Verdadeira. Não há outro. Tu és esperança, Aurora. E és orgulho. E és dever. Não podes virar as costas a isto.

Aurora viu a batalha e soube que era a que estava para acontecer e não a que passara. Aquele sangue, aquela morte, seriam pelas suas próprias mãos. Seriam responsabilidade sua. Mesmo que isso significasse o seu fim, tinha de começar.

— Eu tenho poder, mãe, mas é um poder de mulher. Pequena magia. Sou forte, mas não tenho experiência. Como posso guiar e governar, quando tenho tão pouco a oferecer?

— Serás mais. Agora dorme. Agora sonha.

E ela voltou a sonhar com o seu lobo, o guerreiro de olhos tão

verdes como as colinas. Ele era alto e largo de ombros. O cabelo, negro como o dela, em redor de um rosto anguloso com uma cicatriz branca, em forma de raio, que lhe cortava a sobrancelha esquerda. Sentiu um aperto na barriga que reconheceu como desejo, algo que não sentira por mais ninguém.

— Que serás tu para mim? — perguntou-lhe. — Que serei eu para ti?

— Sei apenas que és a minha amada. Tu e só tu. Sonhei contigo toda a minha vida, acordado e a dormir, apenas contigo. — Ele aproximou-se e ela sentiu os seus dedos tocarem-lhe muito ao de leve a face. — Onde estás?

— Perto, penso eu. Perto. És um soldado?

Ele baixou o olhar para a espada que segurava e, com tristeza refletida no rosto, enterrou a sua ponta na terra.

— Não sou nada.

— Acho que és muitas coisas e uma dessas é minha. — Cedendo à curiosidade, seguindo a sua própria vontade, atraiu-o a si e cobriu-lhe os lábios com os seus.

O vento rodopiava em torno deles, um vento quente, agitado pelo bater das asas das fadas. O cântico ergueu-se dentro dela e pulsou no seu sangue.

Pensou que teria amor, mesmo que se lhe seguisse a morte.

— Tenho de ser uma mulher para me tornar naquilo em que devo tornar-me. — Deu um passo atrás e arrancou a túnica de caça. — Ensina-me o que as mulheres sabem. Ama-me em visões.

O olhar dele percorreu-a, diante de si, dentro do círculo reluzente da magia, vestida apenas com os raios de luar.

— Amei-te toda a minha vida — admitiu ele. — E temi-te.

— Eu passei a minha a procurar-te e encontrei-te aqui, temendo tudo. Virar-me-ás as costas? Deixar-me-ás sozinha?

— Nunca te virarei as costas. — Atraiu-a a ele. — Nunca te deixarei.

Com os lábios sobre os dela, deitou-a no chão macio da floresta. Ela conheceu o arrepio causado pelas suas mãos, o sabor da sua pele e um prazer profundo e entorpecedor que lhe causou tremuras. As chamas brincavam ao redor deles e dentro dela.

— Amo-te — murmurou Aurora, enquanto ele lhe percorria o rosto com os lábios. — E não tenho medo.

Ergueu-se para ele, abriu-se-lhe, suplicou-lhe. Quando ele se lhe juntou, ela conheceu o poder de ser mulher, e as suas delícias.



De madrugada, quando acordou sozinha, com a fogueira transformada em cinzas, sentiu o beijo gélido do dever.

— Não devias tê-la deixado ir sozinha.

Gwayne estava sentado a afiar a espada enquanto Rhiann ralhava e fazia bolinhos de aveia. Em redor deles, ouviam-se os sons matinais do acampamento. Cavalos, cães, mulheres a cozinharem junto das panelas, crianças a tagarelar, homens preparando-se para a caça.

— Era o seu desejo. — Falou mais bruscamente do que desejara. — A sua ordem. Preocupas-te com ela como se fosse uma filha.

— E que sou eu para ela senão uma mãe? Já são dois dias, Gwayne, e duas noites.

— Se ela não conseguir ficar duas noites sozinha na floresta, dificilmente poderá governar Twylia.

— Não passa de uma rapariga! — Rhiann atirou a colher. — Era demasiado cedo para lhe contar a verdade.

— Era o momento. Fiz um juramento, e o momento chegou! Julgas que não me preocupo? Que existe alguma coisa que eu não faria para a livrar do mal, mesmo que fosse dar a minha vida?

Ela pestanejou para conter lágrimas quentes e pegou-lhe na mão.

— Não, não. Mas ela é como se fosse um dos nossos, tanto quanto a Cyra e o pequeno Rhys. Quero-a aqui, sentada junto da lareira, pondo demasiado mel no seu bolo de aveia, rindo. As coisas nunca mais voltarão a ser assim.

Ele pousou a espada para se levantar e tomar a mulher nos braços.

— Não a podemos manter, não é nossa.

Por cima da cabeça de Rhiann, viu-a voltar da floresta, através das neblinas matinais. Era alta — pelo menos para uma rapariga, pensou ele. Ereta como um soldado. Parecia pálida, mas tinha os olhos límpidos. Encontraram os dele e não se desviaram.

— Aí vem ela — disse Gwayne.

Aurora ouviu os murmúrios ao atravessar o acampamento. Já sabiam, pensou, e agora aguardavam. A sua família, os seus amigos, ao lado das suas carroças coloridas ou chegando às portas para a observarem.

Deteve-se e aguardou até tudo estar em silêncio.

— Há muito trabalho a fazer. — Ergueu a voz, que ecoou para além

do acampamento. — Comam, depois venham ter comigo. Eu vos direi como derrotaremos Lorcan e recuperaremos o nosso mundo.

Alguém aplaudiu. Ela viu que era o jovem Rhys, que acabara de fazer doze anos, e sorriu-lhe. Seguiram-se mais ovações e Aurora atravessou por entre o povo que celebrava para ir ao encontro de Gwayne.

Rhys correu para ela.

— Não tenho de te fazer uma vénia, pois não?

— Terás, mas não agora. — Remexeu-lhe o cabelo dourado.

— Ótimo. Quando começamos a lutar?

Aurora sentiu um nó no estômago. Ele não passava de um rapazinho. Quantos rapazinhos mandaria para o campo de batalha? E para a morte?

— Muito em breve.

Chegou junto de Gwayne e acariciou o braço de Rhiann, para a confortar.

— Vi o caminho — anunciou. — A maneira de começar. Precisarei do meu falcão.

— Ao vosso dispor. — Ele fez uma profunda vénia. — Majestade.

— Não me dêis o título enquanto eu não o tiver conquistado. — Aurora sentou-se, tirou um bolo de aveia e encharcou-o de mel. A seu lado, Rhiann escondeu a cara no avental e soluçou.

— Não chores. — Voltou a levantar-se para abraçar Rhiann. — Hoje é um bom dia. — Olhou para Gwayne. — Um novo dia. Não é apenas por causa do meu sangue que o posso fazer, mas também pelo que vocês me ensinaram. Ambos. Todos vós. Deram-me tudo o que me é necessário para cumprir o meu destino. Rhys, podes ir pedir a Nara e a Rohan que venham tomar connosco a refeição da manhã?

Deu um beijo na bochecha de Rhiann enquanto o menino se afastava a correr.

— Há dois dias que não como. Tenho fome — informou. Com um sorriso aberto, sentou-se para devorar os seus bolos de aveia.